

## Diário de Notícias [sábado, 13]

1. Entrevista. **Nuno Ribeiro da Silva, diretor-geral da Endesa. Empresas de energia são alvo de “operação de talibanismo” do BE.** O diretor-geral da Endesa crítica as “leituras unilaterais” das comissões de inquérito às rendas excessivas. Está na corrida aos leilões do solar e de olho nos ativos que a EDP vai vender. (...) A base do setor elétrico é feita, por razões económicas e técnicas, de grandes empresas, e não é por isso que têm de ser apedrejadas na praça pública numa operação de talibanismo. (...) A carga fiscal das elétricas inclui a CESE, a tarifa social, o IVA, a taxa sobre o audiovisual, as taxas para passar as linhas, o IMI, e todos esses impostos e alcavalas pagos ao Estado a nível central e local. Quem sai prejudicado é o consumidor doméstico e industrial. As nossas empresas têm uma desvantagem face a outras europeias pelo facto de a carga fiscal ser mais de metade do que pagamos na fatura elétrica. (...) **Quanto é que vão investir em 2019 e nos próximos anos?** A Endesa tem um programa de investimento a nível geral da Península Ibérica de cinco mil milhões, em média, por ano. (suplemento Dinheiro Vivo, págs. 4 e 5)
2. **“A Polónia procura investimento estrangeiro na área das tecnologias”.** O ministro polaco Jerzy Kwieciński explica porque abriu uma delegação da Agência de Investimento Polaca em Portugal. A proximidade cultural ajudou. (...) Contudo, o objetivo maior da visita a Portugal do ministro polaco do Investimento e Desenvolvimento – o equivalente à nossa pasta da Economia – era só um: a inauguração do escritório português da Agência de Investimento Polaca. “Há dois anos, decidimos mudar de estratégia. Anteriormente tínhamos departamentos comerciais nas embaixadas, mas considerámos essa abordagem muito burocrática, não muito focada nas relações empresariais,” explica em entrevista ao Dinheiro Vivo. (...) O volume das nossas trocas comerciais com Portugal está abaixo dos dois mil milhões de euros, o que representa muito pouco no nosso volume global, que é de 430 mil milhões. (...) “Temos grandes companhias portuguesas a atuar no nosso país, como a Jerónimo Martins, a Mota-Engil e o banco Millennium, e também fortes empresas polacas a investir aqui, como a Assec, de tecnologia, que é uma das maiores companhias do nosso país. (suplemento Dinheiro Vivo, pág. 9)

3. **Monverde ganha dez novas suites com piscina privativa.** São 16 os novos quartos em construção para um segmento ainda mais premium, que elevam para quase dez milhões o investimento do hotel, em Amarante. Vinho é a génese da Quinta da Lixa, mas o turismo é a sua nova paixão. E as paixões têm de ser alimentadas para se manterem vivas. Por isso mesmo, quatro anos depois de inaugurado, está já em marcha a segunda fase do Monverde, o primeiro hotel vínico da Região dos Vinhos Verdes, com inauguração prevista para o início do verão. (...) O investimento, que deverá estar concluído em junho, aproxima-se dos dois milhões de euros e faz subir para quase dez milhões a aposta da Quinta da Lixa no turismo, em Amarante. (suplemento Dinheiro Vivo, pág. 18)
4. **Dona da Delta Cafés procura novas ideias.** O Grupo Nabeiro – Delta Cafés está à procura de startups para o programa de inovação aberta DisrUption. Pretende encontrar empresas que estejam a desenvolver projetos em áreas de negócio e estratégia real. Os três melhores projetos serão escolhidos para um evento internacional de empreendedorismo. (suplemento Dinheiro Vivo, pág. 20)
5. **Octopus lança fundo de 96 milhões.** A Octopus Ventures, acionista da Uniplaces, anunciou o lançamento de um fundo de investimento de 83 milhões de libras (96 milhões de euros). O montante será suportado por investidores institucionais. O valor total disponível para investimento de capital de risco subirá para mais de mil milhões de euros. (suplemento Dinheiro Vivo, pág. 20)



[sábado, 13]

6. **Portugal 2020. Mapa do interior encolhe no Portugal 2030. Fundos europeus** Secretário de Estado da Valorização do Interior, João Catarino, **reduz número de concelhos a privilegiar no próximo quadro comunitário.** próximo quadro comunitário vai encolher o chamado mapa dos “territórios de baixa densidade”, que define os concelhos e freguesias alvo de discriminação positiva quanto a fundos europeus, benefícios fiscais e demais políticas de incentivo ao investimento empresarial no interior. O anúncio foi feito ao Expresso por João Catarino, o



SEMANÁRIO REGIONAL ■ DIÁRIO ONLINE ■ EDITORA DE LIVROS

Estamos onde está a notícia  
Não faltamos à reportagem  
Temos sempre uma  
história para contar

secretário de Estado da Valorização do Interior, que já está a trabalhar na atualização do mapa com o apoio técnico da Universidade de Aveiro. O objetivo é lançar políticas mais agressivas de apoio aos territórios mais fragilizados no Portugal 2030. O Portugal 2020 já premeia os empresários que investem nos “territórios de baixa densidade”, seja através da abertura de concursos específicos, de critérios de bonificação na apreciação das candidaturas ou da majoração da taxa de apoio comunitário. Por outras palavras, os empresários já recebem mais incentivos se instalarem as suas fábricas, hotéis e demais empresas em qualquer dos concelhos coloridos no mapa da página ao lado. (Caderno de Economia, págs. 1, 20 e 21)

7. **Portugal 2020. 60% do novo investimento pretende instalar-se no interior.** Três em cada cinco euros do investimento que os empresários candidataram ao último grande concurso de fundos comunitários para inovação produtiva do Portugal 2020 tiveram como destino os territórios do interior. Não o interior em sentido estrito, mas esta definição mais lata das políticas públicas que abrange todos os “territórios de baixa densidade”, mesmo que do litoral. No concurso encerrado em março, 60% das empresas criadas há menos de três anos — e logo com maior liberdade de escolha quanto ao destino do seu investimento — optaram pela zona colorida do mapa, onde a taxa de incentivo sobe 10 pontos percentuais face ao litoral. “É um número muito interessante”, diz o secretário de Estado da Valorização do Interior. “Prova que as pessoas que estão agora a decidir novos investimentos estão a optar pelo interior, fruto dos incentivos comunitários”. (Caderno de Economia, págs. 1, 20 e 21)
8. **Seguros. Exportadoras devem aproveitar relação com África.** O presidente da líder de seguros de crédito Euler Hermes acredita na recuperação da economia portuguesa. As empresas portuguesas podem tirar mais partido da sua relação com Angola e Moçambique quer em termos de exportações quer na sua expansão internacional. Quem o diz é o presidente da Euler Hermes (EH), um gigante mundial especializado em seguros de crédito. À conversa com o Expresso, Wilfried Verstraete afirma que “Portugal deve diversificar os mercados para onde exporta.” E explica: “Prevendo-se um arrefecimento das economias europeia e norte-americana já em 2019 e mais visivelmente em 2020, isso terá impacto automático nas exportações.” Sendo os principais mercados de exportação Espanha, França, Alemanha, Reino

Unido e EUA, é desejável que as empresas portuguesas em expansão, nomeadamente as pequenas e médias empresas (PME), possam ter mercados alternativos que lhes permitam manter os níveis de crescimento. (...) A EH, tem parcerias em várias geografias, como Espanha, China, Israel e América Latina, à semelhança com a que tem com a **Cosec**, garante 30% do comércio e segue em tempo real 40 milhões de empresas em todo o mundo monitorizando o risco de crédito. A **Cosec** tinha, no final de 2018, €13 mil milhões de risco tomado em exportações, o que correspondeu a 10% do PIB (€20 mil milhões). Já no que diz respeito ao valor das importações portuguesas a rede da EH cobriu €6 mil milhões. (Caderno de Economia, pág. 18)

9. **Rede para carros elétricos deixa Portugal na cauda da Europa.** Líder da associação Eurelectric alerta que postos de carregamento atuais não chegam para o crescimento que Portugal terá nos próximos anos. Portugal está a viver uma transformação na mobilidade que se vem traduzindo num crescimento acentuado das vendas de carros elétricos. Só em 2018 dispararam 148%. Mas a infraestrutura de carregamento existente no país está longe de chegar para o avanço que os veículos elétricos terão nos próximos anos, alerta o secretário-geral da Eurelectric, a associação europeia do sector elétrico, Kristian Ruby. Esta entidade realça que Portugal tem apenas 10 pontos de carregamento por cada 100 quilómetros de autoestrada, um rácio que deixa o nosso país em 18º lugar numa lista de 23 países para os quais o Observatório Europeu de Combustíveis Alternativos tem dados. (Caderno de Economia, págs. 1 e 6)
10. **Macro. Portugal o bom aluno do FMI. Défice.** Apesar do ritmo de crescimento modesto a médio prazo, o país vai realizar a segunda melhor consolidação orçamental da União Europeia até 2024, antecipa o Fundo. Portugal e a Eslováquia são as duas economias da União Europeia que vão registar o melhor desempenho na gestão das contas públicas até 2024. Os dois países realizam a maior consolidação orçamental no espaço europeu, segundo os dados divulgados pelo Fiscal Monitor (FM), o relatório de previsões e recomendações de política orçamental do Fundo Monetário Internacional (FMI), apresentado esta semana em Washington por Vítor Gaspar. Sendo o ajustamento orçamental a receita fundamental que o FMI dá para as economias altamente endividadas, Portugal revela-se como o bom aluno do FMI no

espaço europeu. Por mais irónico que possa parecer, Mário Centeno é hoje o discípulo europeu mais destacado de Vítor Gaspar — não do Gaspar, então ministro das Finanças do governo de Passos Coelho e do período quente da troika, mas do Vítor, o diretor do Departamento de Assuntos Orçamentais do FMI, responsável pelo FM, desde o verão de 2014. (Caderno de Economia, págs. 10 e 11)

11. **Opinião. “O FMI já não é o que era”. Por Ricardo Reis.** “A perspetiva de a economia mundial estar a desacelerar e as taxas de juro poderem subir fez ressurgir esta semana nuvens negras sobre a economia portuguesa. Faz sentido que assim seja. Uma pequena economia aberta, com muita dívida pública, depende acima de tudo do crescimento dos seus mercados e dos juros da sua dívida. Traumatizados pelos últimos anos, não surpreendeu ler portugueses a perguntar se há risco de 2010 se repetir e o FMI voltar. Na América Latina, o programa do FMI na Argentina causa muito medo no Brasil. Na Ásia receia-se uma repetição da crise de 1997-98. Este medo do regresso ao passado tem um problema de fundo: o mundo mudou. Um país em crise hoje tem de lidar com uma arquitetura financeira internacional bastante diferente. O FMI mudou muito, e Portugal teve um papel importante nessas mudanças. Há 25 anos, quando os credores entravam em pânico e deixavam de emprestar a um país, ele só tinha uma opção. Chamava o FMI que substituía o capital privado pelo capital da instituição num programa de resgate, a uma taxa de juro alta mas bastante abaixo do que os mercados cobriam. Para não recompensar os países que tinham causado os seus próprios problemas através de políticas fiscais desequilibradas, e para garantir que daí em diante o país não ficaria dependente do FMI e poderia voltar aos mercados, o FMI impunha nos seus programas de resgate a mal-amada austeridade.” (...) (Caderno de Economia, pág. 5)
12. **Opinião. “Combate aos incêndios”. Por Daniel Bessa.** “Não sei se a falta de limpeza dos terrenos é a causa principal dos incêndios que têm assolado o nosso país e das suas terríveis consequências. Importante é que há, no Governo, quem pense desse modo, tendo aumentado enormemente, em 2018, a pressão sobre os proprietários para que limpem os seus terrenos. Se não o fizerem, sujeitam-se a multa e, pior, a Câmara Municipal poderá substituir-se-lhes na limpeza, apresentando o respetivo custo para pagamento. Política, no seu melhor, como deveria ser: uma convicção

(certa ou errada, não é aqui o mais importante); medidas; consistência; coragem (a decisão de, caso os proprietários não limpem os seus terrenos, serem as Câmaras Municipais a fazê-lo foi inovadora e corajosa, indiciando a vontade de pôr termo a um longo período de incúria, dos proprietários, e de ineficácia, das políticas). Não sei se ao longo de todo o país alguma Câmara Municipal chegou a limpar um metro quadrado de terreno privado, apresentando a conta ao proprietário para pagamento. Vim a saber é que, dos €50 milhões da linha de crédito criada pelo Governo para financiar esta operação não se conhece um único município que tenha chegado a dela beneficiar. A burocracia afastou a grande maioria dos municípios potencialmente interessados. Entre os poucos que se candidataram não se conhece um único que tenha chegado a receber um cêntimo. Política, tal como é, no seu pior. Nada do que parece é. Quando me anunciam e me prometem alguma coisa, querem que acredite em quê?” (Caderno de Economia, pág. 1)



[sábado, 13]

13. **Inteligência artificial. A ficar para trás na corrida, UE quer inteligência artificial “de confiança”.** Enquanto os EUA e a China competem para dominar na área da inteligência artificial, a União Europeia foca-se em definir princípios para sistemas autónomos justos e imparciais, que um humano pode parar a qualquer momento. Na corrida para o domínio na área da inteligência artificial, a luta pelo primeiro lugar é cada vez mais entre os EUA e a China. Sem grandes gigantes tecnológicas para recolher dados — uma das bases para ensinar máquinas a decidir e trabalhar sozinhas —, a Europa vê-se obrigada a encontrar outras formas (...)

<https://www.publico.pt/2019/04/13/tecnologia/noticia/ficar-tras-corrida-ue-quer-inteligencia-artificial-confianca-1868833>

# O MIRANTE

SEMANÁRIO REGIONAL ■ DIÁRIO ONLINE ■ EDITORA DE LIVROS

Estamos onde está a notícia  
Não faltamos à reportagem  
Temos sempre uma  
história para contar



[sábado, 13]

**14. Aeroporto. Alverca e Monte Real não seriam alternativa?** Proximidade de Fátima seria uma das mais-valias apontadas a Monte Real. A Aliança, de Santana, defende Alverca. O que faz de Monte Real o local ideal para criar uma alternativa ao aeroporto de Lisboa? Segundo Pedro Machado, presidente da Turismo Centro, existem três fatores de destaque nesta hipótese: investimento, religião e espaço. «O investimento que é necessário fazer - 30 milhões de euros - é infinitamente mais pequeno para o erário público do que o Montijo ou as outras opções. (...) Questionado sobre o facto de o Governo ter manifestado interesse no passado em avançar com um projeto em Monte Real, Pedro Machado diz que só faltam duas coisas para dar utilização civil àquela base militar: a aprovação da ANA e vontade política.

<https://sol.sapo.pt/artigo/653522/aeroporto-alverca-e-monte-real-nao-seriam-alternativa->



[domingo, 14]

**15. China. Exportações portuguesas para a China aumentam quase 5% até Fevereiro.** Nos primeiros dois meses do ano, as exportações portuguesas para a China aumentaram 4,88% relativamente ao período homólogo de 2018. Portugal exportou nos primeiros dois meses do ano para a China produtos no valor de 358,6 milhões de dólares (317,3 milhões de euros), mais 4,88% relativamente ao período homólogo de 2018.

<https://www.publico.pt/2019/04/14/economia/noticia/exportacoes-portuguesas-china-aumentam-quase-5-ate-fevereiro-1869217>